

Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero,
feminismos, raça/etnia, sexualidades**

**Sub-eixo: Relações étnico-raciais, povos indígenas, negros/as, quilombolas,
ribeirinhos e desigualdades**

A INTEGRAÇÃO PERVERSA DO NEGRO NA SOCIEDADE DE CLASSES: MULHERES NEGRAS, REPRESENTAÇÃO E RESISTÊNCIA

LARISSA COSTA MURAD¹

RESUMO

O artigo ora apresentado resulta de pesquisa de tese. Entendendo os múltiplos determinantes que particularizam as vivências na sociedade moderna, e observando representações acerca da mulher negra indicamos que a crítica da sociedade de classes requer o entendimento acerca da histórica hierarquização étnico-racial e de gênero, a qual relegou às mulheres negras o lugar de base da pirâmide social.

Palavras-chave: racismo; mulheres negras; interseccionalidade; sociedade de classes.

ABSTRACT

The article now presented is the result of thesis research. Understanding the multiple determinants that particularize experiences in modern society, and observing representations about black women, we indicate that the critique of the class society requires an understanding about the historical ethnic-racial and gender hierarchy, which relegated black women to the base of the social pyramid.

Keywords: racism; black women; intersectionality; class society.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas os movimentos sociais baseados no reconhecimento das múltiplas identidades que particularizam a vivência dos sujeitos no mundo têm ganhado espaço no cenário

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

político. Porém, é para além da política das identidades e suas controvérsias que nos situamos ao propormos essas breves notas interpretativas acerca da condição da mulher negra na sociedade patriarcal.

Partimos da afirmação de Davis (2016), segundo a qual a raça é a forma como se vive a classe e o gênero é a forma como se vive a raça; ou seja, etnia e gênero são mediações estruturantes da realidade, sendo determinantes na conformação da experiência dos sujeitos na sociedade moderna.

Nesse sentido, a crítica da forma social contemporânea requer o entendimento acerca da histórica hierarquização étnico-racial e de gênero, a qual relegou às mulheres negras o lugar de base da pirâmide social. Este fatídico lugar² – que se explicita ao observarmos, por exemplo, o perfil das famílias usuárias de programas de transferência de renda e da política de assistência social, os altos índices de violência contra a mulher negra³, ou mesmo os desníveis salariais⁴ – implica tanto no fardo de sustentar em seus ombros o desmoronamento social, quanto na potencialidade de assumir o protagonismo nas lutas sociais de resistência⁵.

Esboçaremos a seguir alguns elementos que indicam a condição particular da mulher negra na sociedade moderna, a partir da compreensão das contradições subjacentes no processo de integração do negro no evoluir da sociedade urbano-industrial.

Observaremos como o domínio do corpo – necessário à conformação do capitalismo – ganha tonalidades diferenciadas quando se trata do corpo da mulher negra. A partir destas notas, indicaremos a representação social da mulata, ou seja, o imaginário social construído acerca da figura da mulata no Brasil, como elemento que indica essa forma de integração e carrega implícito o mito da democracia racial enquanto, ao mesmo tempo, recoloca a submissão do feminino.

Analisaremos questões retratadas no romance Claro dos Anjos, de Lima Barreto, como representativas desse paradigma e apontaremos assim a contradição subjacente quando a integração do negro na sociedade de classes passa a ser buscada através da mulher negra. À

² Lugar no sentido de como as experiências se particularizam e se unificam em torno de múltiplos determinantes que conformam as relações e, consequentemente, a subjetividade moderna.

^{3,2} Cf. Dossiê Violência e Racismo, disponível em:

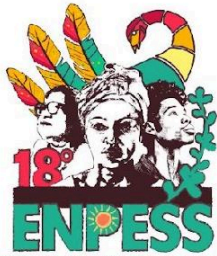
<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-e-racismo/> Acesso em 24/05/2017; Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em:

http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf Acesso em 24/05/2017; e IPEA, 2014.

⁴ Para uma leitura acerca da condição desigual do negro no mercado de trabalho na contemporaneidade cf. Martins, 2012.

⁵ Cf. Davis, 2011. Disponível em:

<http://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/#gs.O LckClS> Acesso em 22/05/2017.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

guisa de conclusão, indicaremos a importância da resistência histórica – mesmo que, por vezes, silenciosa e silenciada – das mulheres negras, principalmente no que tange aos processos de produção e reprodução da vida social.

O DOMÍNIO DO CORPO: A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE ENTRE CORRENTES E LAMENTOS

No decorrer da construção da sociedade moderna, o racismo foi instituído como mecanismo funcional ao desenvolvimento e consolidação do capital enquanto forma universal-sistêmica, sendo, portanto, uma chaga estruturante das relações e das instituições sociais. Apesar de suas particularidades e variações de acordo com a história dos diferentes países, um elemento comum confere substância à hierarquização racial (e de gênero) que se conforma no evoluir da sociedade moderna: o domínio dos corpos.

Ao considerarmos a escravização como parte do processo de acumulação primitiva necessário para a conformação do capitalismo, observamos que o domínio dos corpos negros foi uma prerrogativa no decorrer da instrumentalização da cultura e do processo que a relega a um nicho relacionado à mercantilização das relações sociais. Processo no qual se massifica a cultura e limitam-se as formas de sociabilidade, conformando os corpos em uma espécie de atuação mecânica voltada para a reprodução do trabalho e, portanto, do capital.

Conforme a modernização, a homogeneização das relações sociais vai-se estabelecendo por meio da instrumentalização da cultura e o domínio dos corpos é estendido a todos os trabalhadores – leia-se expropriados da terra. O corpo do trabalhador nesse sentido “pode ser interpretado, também, como uma grande metáfora da perversão instituída pelo capitalismo, a partir da instrumentalização da natureza e da humanidade, melhor dizendo, da cultura” (Fontenelle, 2002, p. 282).

Ou seja, quando toda atividade humana é transformada em trabalho, no sentido da produção do valor, também os homens em sua corporalidade se transformam em meio na busca incessante de fins alheios, precisando para isso de serem disciplinados. Nas palavras de Marx, a força de trabalho em sua potencialidade particular de conservar e criar valor “devém *força do capital*” (Marx, 2011, p. 286, grifos do autor). Logo, o capital só é produtivo em relações de produção; e o trabalho só tem existência nessa relação enquanto atividade que pressupõe o alheamento do próprio corpo e do tempo – considerado aqui em seu caráter abstrato.

Nessa forma social, os indivíduos criam laços uns com os outros e com a natureza por



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

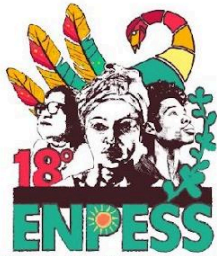
intermédio da troca de mercadorias, tendo como finalidade a geração de mais valor. Ou seja, os sujeitos se tornam objetos no processo produtivo, sobre o qual eles não exercem nenhum controle, sendo sua atividade reduzida a trabalho abstrato. Na produção de mercadorias, o conteúdo concreto que particulariza a atividade humana se apaga ao se tornar simples invólucro de valor, logo, universal e vendável. Os homens se colocam então em relação com a natureza e com outros homens por intermédio da mercadoria e da criação da forma valor, que dirige o processo produtivo. A finalidade da produção, longe de ser a realização das necessidades humanas, se reduz grotescamente às necessidades de valorização do valor, o que configura a imposição de uma forma de dominação impessoal perante a criação de um poder autônomo: o capital.

Na sociedade moderna, os homens entram em relações de troca uns com os outros, de compra e venda, a partir das necessidades de reprodução do capital; isso é estruturante da sociabilidade, pois os sujeitos não determinam a finalidade do processo de produção, esta é colocada como um *a priori*. Ou seja, não surge da experiência, sendo antes uma marca desta forma social inconsciente pautada no domínio do tempo e dos corpos.

No entanto, se partimos do pressuposto de que a escravização e o desterro foram sustentáculos estruturantes da sociedade moderna, parte do processo de expropriação que caracteriza a acumulação primitiva (Marx, 1983; 1980), é necessário diferenciar o domínio dos corpos negros durante a escravidão e a instrumentalização dos corpos necessária à constituição do trabalhador expropriado na modernidade.

Quando discorreremos sobre o domínio dos corpos negros no processo de escravização temos como pressuposto uma forma de dominação pessoal e direta, legitimada pela violência extraeconômica e baseada no ideário que pressupõe a inferiorização, o qual informa a hierarquização étnico-racial e também de gênero. Afinal, se o sofrimento físico imposto aos escravos se traduz em uma brutal tentativa de conforma-los e, conseqüentemente, desumaniza-los ao despi-los de sua subjetividade, o que dizer dos castigos físicos e sexuais impostos às escravas?

(...) a opressão das mulheres era idêntica à dos homens. Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (Davis, 2016, p. 19).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Davis (2016), ao discorrer sobre a escravidão norte-americana indica o controle dos corpos das mulheres negras como marca de um padrão fundante da sociedade moderna:

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos de escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras (Davis, 2016, p. 17).

Ou seja, as mulheres negras são em geral retratadas como propriedade dos senhores no âmbito do trabalho doméstico e da violência sexual, porém o que conhecemos hoje como dupla (ou tripla) jornada já se formava para este segmento como padrão desde o período escravocrata, visto que as mulheres negras compunham também os braços responsáveis pela lavoura. O que fez, segundo a autora, inclusive, com que estas fossem vistas como inaptas, nas palavras de Davis (2016), “anomalias”, quando os padrões de feminilidade e, podemos acrescentar, do amor romântico, começaram a ser instituídos após o século XIX (Davis, 2016).

O estupro combinado à exploração econômica particularizou a experiência das mulheres negras, e tornou o domínio do corpo – necessário à instituição e desenvolvimento do capitalismo – sobretudo perverso para elas. Etnia, gênero e classe se sobredeterminam, nesse sentido, no que diz respeito ao alheamento do corpo da mulher negra. A qual redescobre sua existência corporal ao se perceber liberta, como ilustra Toni Morrison:

Havia alguma coisa de errado. Mas o quê?, perguntou a si mesma. Não tinha a menor consciência do próprio corpo, nem se sentia curiosa para saber como os outros a viam. Então, subitamente, olhou as mãos e pensou, com uma clareza tão simples que chegava a ser chocante: estas mãos me pertencem. São *minhas* mãos. Em seguida, sentiu uma vibração ritmada dentro do peito e descobriu mais uma novidade: seus batimentos cardíacos. Fora assim o tempo todo? Esse som? Sentiu-se uma tola e começou a rir alto (Morrison, 2017, p. 167).

Nesta passagem extraída do livro *Amada*, de Toni Morrison, é retratada a surpresa quase pueril da personagem *Baby Suggs*, escrava com mais de sessenta anos cujo filho comprou sua liberdade, ao se deparar com seu próprio corpo, antes reduzido a instrumento de seus senhores. A ilustração nos fornece a imagem da inexistência simbólica desse corpo em situação de escravização. Para Queiróz (2001, p. 110), é “justamente a contradição entre ser coisa e ser pessoa que constituiu a vivência do escravo”. No caso, particularmente, da escrava que assume múltiplas funções perante o domínio do homem branco.

Cabe ressaltar que o capitalismo reproduz a instrumentalização do corpo no processo de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

produção de capital e criação do trabalho livre, a partir da instituição de uma forma de dominação impessoal, como nos indica a análise de Marx (2011). O corpo expressa essa inversão pela qual se constitui o capitalismo como forma sistêmica, na qual a mercadoria (consequentemente, as relações baseadas no valor de troca) se torna a forma das relações estabelecidas entre os homens⁶. No entanto, ao considerarmos a escravização da mulher negra, nos deparamos com a instituição de um padrão de dominação que perpassa o gênero e a etnia como determinantes da vivência das relações sociais e da constituição da subjetividade, em uma relação de interseccionalidade.

Considerando as particularidades da escravidão no Brasil-colônia, indicamos que a forma pela qual a representação da mulher negra se constrói na sociedade moderna é oriunda dos padrões estabelecidos neste processo de conformação da modernidade; conforme observaremos a seguir, a partir de uma obra clássica de Lima Barreto e de traços de sua própria experiência, no Brasil a figura da mulata é paradigmática tanto no que tange às particularidades do domínio do corpo da mulher negra, quanto no que se refere à ideia de mestiçagem e à noção mítica de que no Brasil se conforma uma espécie de democracia racial.

A MULATA COMO REPRESENTAÇÃO DA INTEGRAÇÃO PERVERSA DO NEGRO NA SOCIEDADE DE CLASSES: O DESTINO DE CLARA DOS ANJOS

Conforme o desenvolvimento da moderna sociedade de classes, o domínio do corpo vai se constituindo enquanto forma de domínio impessoal, expressa nas relações contratuais de assalariamento, determinadas pela predominância da mercadoria enquanto mediação por excelência das relações sociais. Não obstante, o corpo da mulher negra continua a ocupar um lugar peculiar no imaginário social e, portanto, nas relações sociais – marcadas profundamente pela inferiorização do negro, vide a ocupação de postos de trabalho considerados subalternos, porém necessários no período da então incipiente industrialização brasileira.

O lugar particular conferido à mulher negra na ordem competitiva, representado emblematicamente pela construção da ideia da mulata, é explicitado por Lima Barreto no romance Clara dos Anjos:

⁶ Dado este mecanismo podemos observar que a resignificação e reapropriação do corpo nos espaços de produção da cultura pelas classes subalternizadas – de tempo livre – no início da constituição da sociedade urbano-industrial implicam em uma forma de resistência, pois indicam que algo da subjetividade, do sujeito, permanece.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

O bonde vinha cheio. Olhou todos aqueles homens e mulheres... Não haveria um talvez, entre toda aquela gente de ambos os sexos, que não fosse indiferente à sua desgraça... Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro! O que era preciso, tanto a ela como às suas iguais, era educar o caráter, revestir-se de vontade, como possuía essa varonil Dona Margarida, para se defender de Cassis e semelhantes, e bater-se contra todos que se opusessem, por este ou aquele modo, contra a elevação dela, social e moralmente. Nada a fazia inferior às outras, senão o conceito geral e a covardia com que elas o admitiam... Chegaram em casa; Joaquim ainda não tinha vindo. Dona Margarida relatou a entrevista, por entre o choro e os soluços da filha e da mãe. Num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero:

– Mamãe! Mamãe!

– Que é minha filha?

– Nós não somos nada nesta vida (Barreto, 2012, p. 294).

Na passagem final do romance, descrita acima, Lima Barreto narra o misto de sentimentos apresentado pela personagem principal no momento em que esta, ludibriada e “desonrada” por um homem branco percebe seu desamparo social. Desamparo oriundo da percepção de que sua cor é determinante em sua experiência no mundo, conforme podemos perceber na passagem final em que ela generaliza sua condição ocorrendo aos braços da mãe: “Nós não somos nada nessa vida” (Barreto, 2012, p. 294). O misto de revolta e o sentimento de que há de se fazer algo, logo dá lugar a essa conclusão angustiante, relacionada ao lugar destinado aos negros, e particularmente à mulher negra na modernidade – expresso inclusive nas relações de hierarquia presentes no próprio espaço suburbano, territorialmente destinado nesta época retratada no romance em questão, início do século XX, aos trabalhadores expulsos do Centro.

Para Schwarcz e Galdino (2012, p. 294), há “alta carga emocional e autobiográfica” contida nessa última frase, com a qual Lima Barreto encerra o romance:

É como se Lima Barreto, unido à sua própria ficção, mostrasse, por meio de sua personagem feminina, como, a despeito de toda cultura, crítica e diferenciação, ao final, todos os indivíduos negros, mesmo aqueles que já não conhecem mais a realidade da escravidão, terminam por lembrar de sua condição original (Schwarcz; Galdino, 2012, p. 294).

Condição que, podemos acrescentar, remete tanto à memória do desterro quanto à angústia provocada pelo desamparo expresso nas relações sociais etnicamente hierarquizadas e desiguais. Há aqui o retrato da imposição da lembrança de uma “condição original”, a qual denota o não lugar conferido aos negros no evoluir da sociedade de classes. Pereira (2012) ressalta que também Lima Barreto, como homem negro, sofreu o “estigma da cor”, vivência que marca seus romances e que, conforme observamos em Clara dos Anjos, o torna sensível à condição diferenciada da mulher negra, retratada na saga da “mulata” filha de um funcionário público que, mesmo quando experimenta algo de uma ascensão social, é jogada de volta a uma espécie de angústia de pertencimento determinada pela cor – a qual se revela uma marca.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Para Carlos Nelson Coutinho (2011), a obra de Lima Barreto vai além dessa característica autobiográfica, sendo antes caracterizada por seu caráter realista e democrático-popular. Diferente de autores que podem ser lidos por um “intimismo à sombra do poder” (termo cunhado por Thomas Mann e recuperado por Coutinho), os quais “tendem a evadir-se da realidade concreta, a colocar-se num terreno aparentemente autônomo, mas cuja autonomia é respeitada na medida em que não se põem em jogo as questões decisivas da vida social, as concretas relações sociais de poder” (Coutinho, 2011, p. 91)⁷, Lima Barreto demonstra autonomia ao retratar uma realidade que “impunha um estilo menos sereno, menos ‘equilibrado’, no qual as preocupações ‘artísticas’ não mais podiam ocupar o lugar dominante” (Coutinho, 2011, p. 101).

Ou seja, Lima Barreto recoloca o realismo a partir de “uma aberta tomada de posição em favor dos ‘humilhados e ofendidos’” (Coutinho, 2011, p. 104), o que vai além de uma obra autobiográfica, porém envolve também algo de sua vivência como homem negro, dada sua história e também de sua mãe, que cumpre papel fundamental na caracterização de algumas de suas personagens; aparece em seus escritos suas inquietações referentes à marginalização e ao “estar fora”⁸, logo, traços de um humanismo vão se conformando de acordo com elementos de denúncia do preconceito racial, presentes em sua obra.

Lima Barreto é assim um divisor de águas na evolução literária brasileira. Rompendo radicalmente com as tendências esteticistas e escapistas predominantes em sua época, propôs teórica e praticamente um novo realismo. (...) Propôs assim aos escritores a tarefa, que continua atual, de relacionar organicamente a literatura às grandes questões humanas e histórico-sociais da nação e do povo brasileiro (Coutinho, 2011, p. 138).

Holanda (2012, p. 36) aponta que “a obra desse escritor é, em grande parte, uma confissão mal escondida, confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais, que nos seus melhores momentos ele soube transfigurar em arte”. O que nos indica que o ressentimento pode ser, em grande medida, constitutivo e instituinte dessa vivência marcada pela desigualdade étnico-racial, de gênero e de território – a qual por vezes leva a tentativas inconscientes de autodestruição, conforme Coutinho (2011) indica acerca do alcoolismo de Lima Barreto, ou seja, em última instância trata-se da dissolução da subjetividade pela autodestruição

⁷ Carlos Nelson Coutinho (2011) destaca que esse “intimismo à sombra do poder” ganha contornos particulares no Brasil, visto que os escritores nessa época dependiam de uma integração ao aparelho burocrático do Estado para garantir seu sustento.

⁸ Cf. a peça de teatro Lima Barreto, ao terceiro dia. Nesta a vida do escritor e suas inquietações, bem como seus transtornos mentais são retratados em dois momentos: sua estada no manicômio, e o período no qual escreve O Triste Fim de Policarpo Quaresma; ambos se intercalam com memórias e com a imaginação do escritor ao escrever.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

provocada pela insuportabilidade do real, onde o singular não cabe⁹.

Holanda (2012, p. 37) descreve ainda Clara dos Anjos e principalmente o destino da personagem como “um argumento vivo e um elemento para a denúncia”; denúncia de que esse destino não é natural, poderíamos acrescentar, sendo, porém, fruto de um sistema cuja funcionalidade depende da hierarquia étnico-racial e de gênero forjada por meio da destruição de culturas e formas de sociabilidade particulares. Lançados à própria sorte, escapar a esse destino configura também uma exceção, não por acaso o mesmo é apresentado pelo romancista como uma regra da qual não há como escapar no que tange à mulher negra. Por isso um destino, não obstante não ser um destino no sentido divino, sendo antes fruto do desenvolvimento de uma forma social inconsciente, constituída por leis que se tornam naturalizadas.

Para Holanda (2012, p. 44), a obra de Lima Barreto, em particular Clara dos Anjos que se passa praticamente toda nos subúrbios, é fundamentada justamente na separação dos negros de suas raízes socioculturais e na expropriação constante que representa a criação da modernidade: “Essa humanidade, despojada da ‘situação normal’, exilada de seu verdadeiro mundo, é que representa a matéria-prima de toda a obra de ficção de Lima Barreto”. A perda da situação de “normalidade” pode remeter também ao desterro, mas no caso em particular, às constantes expulsões do território e à perda de determinada condição social e financeira, que empurra as pessoas territorialmente para além dos trilhos de trem da Central – para a vida nos subúrbios, marcada por privações, mas também pela tentativa de recriar espaços livres de sociabilidade e lazer. “A sombra que ficou da grandeza aviva pelo próprio contraste a extensão das ruínas. (...) Essa grandeza alquebrada é como a imagem de muitas vidas humanas que povoam a ficção de Lima Barreto e encontram sua moldura própria no subúrbio” (Holanda, 2012, p. 45, 46).

Resende (2012) lembra que

a narrativa se passa, à exceção de um único capítulo, nos subúrbios do Rio de Janeiro, para além dos limites traçados pela linha férrea dos trens da Central. Algumas são áreas mais próximas do centro da cidade, o Méier e o Engenho de Dentro, onde habita uma classe média próxima ao operariado, formada por funcionários públicos ou pequenos negociantes (Resende, 2012, p. 16).

Ou seja, além de Lima Barreto explicitar no decorrer de seu romance uma divisão social no espaço do subúrbio do Rio de Janeiro, o autor indica também que a condição de classe média para os negros se constituía em exceção, sendo a cor ainda um determinante nas práticas e

⁹ Cabe indicar que Coutinho (2011) observa problemas estéticos em Clara dos Anjos, inclusive certo nível de maniqueísmo, não obstante o reconhecimento da solidariedade do escritor com os “de baixo” também neste romance.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

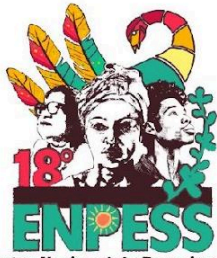
relações sociais – como é o caso da personagem Clara, cujo pai era carteiro, logo funcionário público. A normalidade passa pela condição de remediados, e convenhamos, uma hora o remédio acaba. No caso da mulher negra, observamos ainda reminiscências do domínio pessoal do corpo, representadas no uso, abuso e descarte deste pelo homem branco.

Barreto (2012) aponta em seu romance um Rio de Janeiro onde as divisões sociais tomavam forma territorial junto com a construção da modernidade, tanto na hierarquia que se cria entre o Centro do Rio e o subúrbio cortado pela via férrea quanto nas relações de poder instituídas dentro do próprio subúrbio, marcadas por diferenças referentes a ganhos salariais, mas principalmente à hierarquização de cor e de gênero. “Entre o pobre ou ‘remediado’ branco e o negro ou mulato, mais ainda, faz-se um fosso” (Resende, 2012, p. 19); quem dirá da figura da mulata, já posicionada na base da pirâmide social como representação da condição da mulher negra – reservada para o uso livre do branco¹⁰.

Cabe ressaltar que, segundo Resende (2012), Lima Barreto apresenta sua personagem principal a partir da noção da mistura das raças, porém sem incorporar traços do exotismo das mulatas, presente no imaginário social recorrentemente. Nesse sentido, é reforçada também a “descoberta” final da personagem quanto à sua cor ser um determinante social que se sobrepõe a outros. Rompe-se com o final do romance descrito acima a ideia idílica de que a mulata representa a mistura das raças, a famosa mestiçagem por tantas décadas reivindicada com orgulho como constitutiva do Brasil. O que aparece no conjunto da obra de Lima Barreto, não apenas em Clara dos Anjos, sendo este último, porém o que melhor retratou a condição da mulher negra ao descobrir-se negra e conseqüentemente se deparar com a perda de suas ilusões. Pereira (2012, p. 29) indica: “aqui o destino não parece oferecer à mulata nenhuma compensação”.

Interessa ainda indicar a observação de Holanda (2012, p. 46), sobre o trabalho não ser retratado na obra de Lima Barreto como dignificante, ao contrário da ética necessária à fundação da modernidade. “Aqui a riqueza nunca é fruto do trabalho honesto e lento, que este só serve para

¹⁰ No final da década de 1990 a telenovela “Por Amor”, de Manoel Carlos, exibida na TV Globo, traz em um de seus núcleos um casal de personagens cuja mulher negra vivencia as amarguras de uma relação interracial, marcada pelo “preconceito de cor” – palavras da própria personagem, interpretada por Maria Ceíça. A personagem Márcia Maria de Jesus traduz a perversidade das relações étnico-raciais no Brasil ao experimentar a recusa do então “companheiro” amoroso em ter um filho com ela após anos de relação (filho que ela já esperava). Após ter sido obrigada diversas vezes a abortar, a personagem decide levar adiante a gravidez e enfrenta o marido Wilson (Paulo César Grande), que se mostra violento por rejeitar a ideia de ser pai de uma criança negra/mestiça. Após meses de violências (física, patrimonial, psicológica) exercidas durante a gestação de sua “amada”, Wilson começa a tentar reconquistá-la quando a criança nasce...branca!. (Alerta de *spoiler*) O casal alcança seu final feliz juntos apesar de tudo, em uma releitura triste e bela da Redenção de Cam, às portas do século XXI.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

entreter a miséria, mas em geral de um inesperado”. Ou seja, também Lima Barreto confere à noção de que o trabalho dignifica o homem o lugar de um mito funcional, o qual, ao se quebrar só faz aumentar o ressentimento, além de repor o sentimento de culpa que acomete aqueles que “não chegaram lá”.

O ressentimento toma a personagem Clara dos Anjos quando esta percebe seu destino marcado pelas desigualdades de gênero e, principalmente, étnico-raciais. Porém, diferente de parte significativa de autores que se dedicaram a pensar a integração do negro na sociedade de classes,

não consideramos que as assimetrias nas condições de vida entre brancos e negros formem uma espécie de subproduto indesejado de interações supostamente virtuosas no plano das relações intersubjetivas. Antes, as diferenças nas condições de vida entre brancos e negros são elementos essenciais de todo o modelo (Paixão, 2014, p. 352).

Afinal, se a interação inter-racial ocorre de maneira diferenciada no Brasil no plano intersubjetivo, os tensionamentos e as velhas práticas de indicar aos negros “seu lugar” estão igualmente presentes, conforme os próprios relatos contidos na obra de Fernandes (2008, em particular cap. 3) atestam. A questão é que o racismo e a segregação racial (e, podemos acrescentar a questão de gênero), não se propagam somente devido a “reminiscências vivas do passado e estruturas arcaicas que reconstruíram o antigo regime em vários níveis da convivência humana” (Fernandes, 2008, p. 300), sendo antes constitutivos do próprio processo de modernização – no qual o arcaico é recriado como parte da forma moderna, reatualizando a fratura que constitui nossa experiência.

Nesse sentido, a figura da mulata é representativa da forma pela qual a integração do negro na sociedade de classes ocorre, mantendo-se a subalternização da mulher negra enquanto paradigma do arcaico e da dominação pessoal; recriados no evoluir da modernidade, enquanto traços que nos remetem à perversão desta forma social e às particularidades do desenvolvimento do capitalismo no Brasil, onde há a permanência de formas de dominação pessoal combinadas à dominação impessoal característica do capital, sendo o domínio do corpo fundante da cultura.

Logo, a modernização representa para “os de baixo” traços de continuidade entre o colonial e o urbano (Garcia, 2013). E o peso destrutivo das desvantagens que os ex-escravos carregam, sinalizado por Fernandes (2008), é então reatualizado conforme a generalização das



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

relações competitivas¹¹, configurando relações de poder e uma forma cultural na qual o negro interioriza paulatinamente uma experiência marcada pela solidão e pela sensação de inferioridade – a qual pode levar ao aniquilamento social que precede o aniquilamento físico. Se o negro é integrado à modernidade na condição de objeto, a mulata é figura emblemática da hierarquização social de gênero subjacente a este processo.

NEGRA É A RAIZ DA LIBERDADE! À GUIA DE CONCLUSÃO

As mulheres resistiam e desafiavam a escravidão o tempo todo. Devido à contínua repressão sofrida, 'não é de se estranhar', diz Herbert Aptheker, que 'a mulher negra frequentemente apressasse as conspirações de escravos. (...) Dos numerosos registros sobre a repressão violenta que os feitores infligiam às mulheres, deve-se inferir que aquela que aceitava passivamente sua sina de escrava era a exceção, não a regra (Davis, 2016, p. 31, 33).

Seja desafiando a dominação direta no período escravocrata, seja por meio da arte, como é o caso do *blues* nos Estados Unidos dos anos 1920 (Davis, 2017), ou simplesmente assumindo papéis fundamentais na produção e reprodução da vida cotidiana, é necessário reconhecer a potencialidade histórica das mulheres negras no que se refere à resistência. Conforme insiste Davis (2016, 2017), ao mesmo tempo em que é necessário reconhecer a condição particular da mulher negra – fundada em um padrão que remete às práticas comuns ao período da acumulação primitiva – é imprescindível observar as práticas de resistência e as manifestações libertárias oriundas dos diversos modos de reação à opressão e inferiorização.

Vivenciar a base da pirâmide social implica em suportar condições de vida insuportáveis, capazes inclusive de fazer com que se perca a sanidade mental e a capacidade de convívio social. Como não recordar Estamira, mulher negra brasileira que, vítima de diversas maneiras de violação, largou a família para viver em um lixão no Rio de Janeiro, e acabou por desenvolver um discurso antissistêmico onde mesclava lucidez e loucura para explicar a sociedade e sua própria história. Usuária de instituições de saúde mental, Estamira morreu em 2011 e sua singularidade e seu destino podem ser observados como indícios simultaneamente de reação às formas de opressão às quais foi submetida e das ruínas desta forma social sistêmica que tem sua reprodução umbilicalmente ligada à reprodução do racismo e da violência de gênero¹².

Porém, este não lugar implica também em criar e recriar meios de reagir e resistir a

¹¹ A generalização da ordem competitiva significa a garantia da imposição das leis econômicas no cotidiano das relações sociais (Marx, 2011).

¹² O filme- documentário acerca da história e das ilações de Estamira, feito por Marcos Prado, pode ser conferido no sítio que segue: <https://www.youtube.com/watch?v=-wHISEEXMh4> Acesso em 30/07/2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

circunstâncias que beiram um estado de penúria social. E as formas de resistência das mulheres negras têm sido silenciadas no decorrer da história como resultado do processo de branqueamento. Consequentemente, são silenciados também seu sofrimento e sua solidão¹³.

A constatação representada em Clara dos Anjos, e a perplexidade dela decorrente, oriunda do não lugar destinado a este segmento (expresso no “não somos nada nesta vida”), permanecem, não podendo, no entanto, ser interpretadas somente como fator que paralisa. Quando a paralisação é temporária, a força da reação e da resistência a esta condição histórica pode se colocar como potência – necessária – nas lutas pela emancipação social. Potência que já se revela no decorrer da constituição da sociedade moderna no que se refere ao papel deste segmento na produção e reprodução da vida social. Ir além da reprodução desta forma social se mostra imprescindível na luta contra o racismo e a violência de gênero, constituintes da sociabilidade e da subjetividade, portanto, da cultura e das vivências dos sujeitos na sociedade de classes.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. SP: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

COUTINHO, Carlos Nelson. O significado de Lima Barreto em nossa literatura. In: **Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas**. SP: Expressão Popular, 2011.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. SP: Boitempo, 2016.

_____. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia**. In: <http://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/#gs.i=mlRgA> Acesso em 22/05/2017.

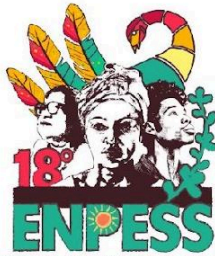
FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: o legado da raça branca**. Vol. I. SP: Globo, 2008.

FONTENELLE, I. A. **O Nome da Marca: McDonald's, fetichismo e cultura descartável**. SP: Boitempo, 2002.

GARCIA, Walter. **Melancolias, mercadorias: Dorival Caymmi, Chico Buarque, o Pregão de Rua e a Canção Popular- Comercial no Brasil**. SP: Ateliê Editorial, 2013.

HOLANDA. Sérgio Buarque de. Prefácio. In: BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. SP:

¹³ É o caso das mães do Rio de Janeiro que tiveram seus filhos mortos pelo aparato do Estado, ou foram obrigadas a entregá-los a polícia militar e ao encarceramento para não os ver perder a vida (como as mães do Complexo do Alemão na operação policial de novembro de 2010). Seu sofrimento é solitário, pois é difícil encontrar interlocutores quando seus filhos foram previamente estigmatizados como criminosos, considerando o punitivismo e o sentimento de vingança, tão presentes em nossa cultura.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

Instituto Patrícia Galvão. **Dossiê Violência e Racismo**. In:
<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violenacias/violencia-e-racismo/> Acesso em
24/05/2017.

IPEA. **Situação social da população negra por estado** / Instituto de Pesquisa Econômica
Aplicada; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. – Brasília : IPEA, 2014.

MARTINS, Tereza Cristina Santos. **O negro no contexto das novas estratégias do capital:**
desemprego, precarização e informalidade. In: Serviço Social e Sociedade. São Paulo, n.
111, p.450-467, jul./set.2012.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. SP: Abril Cultural, 1983 (Livro 1, volume 1,
capítulo I).

_____. **O Capital**: crítica da economia política. RJ: Civilização Brasileira, 1980 (Livro 1,
volume 2, capítulo XXIII).

_____. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857- 1858 – esboços da crítica da
economia política. SP: Boitempo; RJ: UFRJ, 2011.

MORRISON, Toni. **Amada**. SP: Círculo do livro, 1987.

PAIXÃO, M. **A lenda da modernidade encantada**: por uma crítica ao pensamento social
brasileiro sobre relações raciais e projeto de Estado-Nação. Curitiba, PR: CRV, 2014.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Introdução. In: BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. SP: Penguin
Classics Companhia das Letras, 2012.

QUEIRÓZ, Sueli R. R de. **Escavidão Negra em Debate**. In: FREITAS, Marcos.
Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2001.

RESENDE, Beatriz. Apresentação. In: BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. SP: Penguin
Classics Companhia das Letras, 2012.

SCHWARCZ, Lilia M.; GALDINO, Pedro. Notas. In: BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. SP:
Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. In:
http://www.mapadaviolenca.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf Acesso em
24/05/2017.



Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social